

Análise de figuras retóricas no gênero debate regrado no contexto de sala de aula

Analysis of rhetorical figures in the genre debate ruled in the classroom context

Sandra Araujo Lima Cavalcante

Instituto Federal de Alagoas

Max Silva da Rocha

Universidade Federal do Piauí

Sandra Araujo Lima Cavalcante

Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). É professora efetiva do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Arapiraca. <https://orcid.org/0000-0002-5438-3591>

Max Silva da Rocha

Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) – Palmeira dos Índios. <https://orcid.org/0000-0002-6333-5532>

Recebido em:
08/02/2021

Aceito em:
22/12/2021

JAN / ABR 2022
ISSN 2317-9945 (on-line)
ISSN 0103-6858
p. 05 - 18

RESUMO

Este trabalho, ancorado nos estudos retóricos da linguagem, tem como principal objetivo realizar um estudo acerca do uso de figuras retóricas no gênero debate regrado no contexto de sala de aula. Por Retórica, entende-se uma técnica discursiva que visa provocar a adesão de algum auditório acerca de uma proposta apresentada ao julgamento; por figuras retóricas, compreende-se recursos linguísticos utilizados especialmente a serviço da persuasão; por gênero debate regrado, compreende-se uma situação discursiva devidamente planejada em que debatedores discutem temas importantes, acionando elementos de natureza retórica. Metodologicamente, este estudo filia-se à pesquisa de abordagem qualitativa, pois enfatiza a qualidade das informações. Embasa-se em autores como: Abreu (2009), Aquino (2015), Aristóteles (2011), Citelli (2002), Meyer (2007), Marcuschi (2008), Moraes (2019), Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014, Ribeiro (2009), Reboul (2004), Soares (2017), Schnewly e Dolz (2004), entre outros. O corpus é constituído por um excerto do gênero debate regrado no contexto de sala de aula. O evento comunicativo do debate aconteceu em uma turma do terceiro ano do ensino médio em uma escola de esfera pública do interior de Alagoas. Após a análise, percebeu-se que os interlocutores do referido gênero utilizaram figuras (anáfora, alusão, epístrofe, entre outras) com a intenção de persuadir.

PALAVRAS-CHAVE

Sala de aula. Gênero debate regrado. Figuras retóricas

ABSTRACT

This work, anchored in rhetorical studies of language, has as main objective to carry out a study on the use of rhetorical figures in the genre debate ruled in the classroom context. Rhetoric means a discursive technique that aims to provoke the adherence of some audience about a proposal presented to the trial; rhetorical figures include linguistic resources used especially in the service of persuasion; by gender, a regulated debate, we understand a properly planned discursive situation in which debaters discuss important issues, using elements of a rhetorical nature. Methodologically, this study is affiliated with qualitative research, as it emphasizes the quality of information. It is based on authors such as: Abreu (2009), Aquino (2015), Aristotle (2011), Citelli (2002), Meyer (2007), Marcuschi (2008), Morais (2019), Perelman and Olbrechts-Tyteca, 2014, Ribeiro (2009), Reboul (2004), Soares (2017), Schneuwly and Dolz (2004), among others. The corpus is made up of an excerpt from the debate genre ruled in the classroom context. The communicative event of the debate took place in a class of the third year of high school in a public school in the countryside of Alagoas. After the analysis, it was noticed that the interlocutors of that genre used figures (anaphor, allusion, epístrofe, among others) with the intention of persuading.

KEYWORDS

Classroom. Gender ruled debate. Rhetorical figures

1. Introdução

Este artigo insere-se nos estudos retóricos da linguagem, numa vertente mais moderna, a chamada Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014). Intenta-se, em linhas gerais, proceder a uma análise acerca de figuras retóricas utilizadas no gênero debate regrado, no contexto de sala de aula, a fim de mostrar como essa categoria da Retórica objetiva persuadir outro participante durante o debate. Busca responder aos seguintes questionamentos norteadores: De que maneira acontecem as tentativas de persuadir no gênero debate regrado? Como os oradores utilizam figuras retóricas no gênero debate regrado? A busca por respostas é o que fundamenta o presente estudo.

O fragmento elencado para a análise foi extraído do corpus de uma pesquisa de Mestrado em Linguística, intitulada “Uma abordagem retórica do gênero debate em sala de aula”, realizada por Soares (2017). Dos 6 debates que constituem o corpus, selecionou-se um, de onde se retirou um fragmento para compor a análise deste artigo. Assim, não houve uma pesquisa de intervenção ou uma busca de material em campo, mas a efetivação de um estudo, a partir de um corpus já constituído.

Há muitos trabalhos sobre o gênero debate regrado, a exemplo de Ribeiro (2009) que estudou a construção da argumentação no contexto do ensino. Com base nos estudos retóricos contemporâneos, a autora mostrou a tipologia dos argumentos presente no gênero debate regrado. Diferentemente de Ribeiro (2009), este estudo propõe um olhar direcionado às figuras retóricas e ao viés persuasivo que elas exercem no gênero oral debate regrado, no contexto específico de sala de aula.

Metodologicamente, este estudo segue os postulados da pesquisa de abordagem qualitativa (FLICK, 2009), pois trabalha com a ênfase na quali-

dade e não na quantidade das informações apreendidas no processo da pesquisa. Por isso, utiliza-se da abordagem processual, descritiva e interpretativa associada à análise retórica, observando especificidades retóricas no debate regrado, no contexto de sala de aula. Com base nisso será possível verificar como as figuras retóricas estão dispostas no gênero em tela.

O trabalho se divide nas seguintes etapas: a primeira trata dos estudos retóricos da linguagem, enfatizando a definição de Retórica, a tríade aristotélica e o auditório; a segunda discute a definição de gênero, bem como a importância do estudo de gêneros orais no contexto de sala de aula; a terceira mostra as características do gênero debate regrado e a importância de trabalhá-lo em sala de aula; a quarta caracteriza e define as figuras retóricas, com base em Abreu (2009); e a quinta apresenta a análise das figuras no fragmento selecionado para este estudo.

Nesse sentido, todas essas etapas foram devidamente seguidas para contemplar o objetivo de analisar as figuras retóricas presentes no gênero debate regrado, no contexto de sala de aula. Certamente, será possível adquirir um entendimento retórico consistente, especialmente no que concerne ao uso de figuras retóricas em um gênero que é muito praticado na esfera escolar: o debate regrado.

1.1. OS ESTUDOS RETÓRICOS DA LINGUAGEM

As práticas discursivas cotidianas se voltam constantemente à argumentação, tanto em casa quanto na escola, nos mais diversos meios onde os sujeitos interagem. Em um mundo globalizado, onde a comunicação tornou-se bem mais prática e fácil, seja verbalmente, seja de maneira não verbal, argumentar é algo natural. A bem da verdade, essa prática já se revela na infância, quando as negociações entre pais e filhos são iniciadas.

De acordo com Abreu (2009, p. 25), argumentar é a arte de “convencer e persuadir”. O autor explica que “convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. Etimologicamente, significa vencer junto com o outro (com + vencer) e não contra o outro”. Diante disso, acredita-se que é a escola, por excelência, o espaço ideal para o gerenciamento e o aprendizado das negociações discursivas, ações estas que podem contribuir para a construção de um repertório de argumentos persuasivos.

Assim, ao valorizar, na escola, o ensino de gêneros orais ancorados na argumentação, o professor possibilita ao aprendiz a oportunidade de se colocar com segurança em situações discursivas diversas e, por conseguinte, buscar a adesão do seu parceiro comunicativo. É nesse ato argumentativo que surge a Retórica, pois ela ocupa o lugar da tensão, do conflito, das opiniões divergentes, da doxa. Nesse sentido, este trabalho toma a definição de Retórica como sendo “a arte de persuadir pelo discurso” (REBOUL, 2004, p. XIV).

Em Retórica, o discurso é entendido como uma produção de sentido independente de sua extensão, que apresenta começo, meio e fim, conforme Reboul (2004). Desse modo, todo discurso persuasivo engloba ingredientes retóricos, a exemplo dos argumentos e das próprias figuras retóricas. Estas, por sua vez, assim como os argumentos, estão a serviço de oradores e da

própria persuasão. A análise aqui realizada volta-se às figuras retóricas, enquanto elementos importantes para a argumentação, com efeitos persuasivos, e compreende o lugar do orador, do auditório e do discurso numa ação imbricada.

Aristóteles (2011) postula que há três meios para persuadir pela palavra falada. De acordo com o filósofo grego de Estagira, “o primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espíritos; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2011, p. 45). Essa relação imbricada a que se refere o filósofo grego faz referência ao *ethos*, *pathos* e *logos*, a conhecida tríade aristotélica.

O *ethos* é definido como o caráter, a imagem que o orador cria de si, quando está diante de um auditório social. Pode ser realmente a imagem do orador, mas também uma imagem criada, forjada para aquele momento específico de argumentação retórica (AMOSSY, 2020). Nesse sentido, “a persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito” (ARISTÓTELES, 2011, p. 45). No gênero debate regrado em sala de aula, o *ethos* se configura de acordo com as imagens de si criadas e projetadas pelos participantes do referido evento comunicativo de esfera escolar.

O *pathos* é caracterizado pelos sentimentos, pelas emoções, pelas paixões que o orador consegue despertar no auditório. O orador que argumenta “passionalmente, ainda que seu discurso careça de fundamento, consegue que o auditório compartilhe de seus sentimentos, o que explica, inclusive, porque muitos oradores procuram impressionar e dominar seu auditório” (ARISTÓTELES, 2011, p. 228). No debate regrado, tem-se que o *pathos* é sensibilizado, movido passionalmente por meio do uso de figuras retóricas com a intenção de tentar convencer e persuadir o auditório visado.

O *logos* diz respeito à argumentação propriamente dita, ou seja, a tudo aquilo que emana e é proferido durante a argumentação, a exemplo de argumentos, de figuras, entre outros dispositivos retóricos. “Enfim, a persuasão é obtida através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta” (ARISTÓTELES, 2011, p. 46). Desse modo, o *logos* corresponde à própria argumentação dos oradores do gênero debate regrado, e o uso de figuras retóricas é o que caracteriza o *logos* no gênero destacado.

Em síntese, a tríade retórica é a base de sustentação do discurso argumentativo, pois, de modo conjunto, constitui-se por aquele que fala, com quem se fala e do que se fala. Com base nisso, surge a categoria auditório, isto é, o público-alvo para quem se dirige à argumentação retórica. Abreu (2009, p. 39) definiu o auditório como “o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir”. Além disso, o citado autor classificou o auditório em, pelo menos, dois tipos específicos: universal e particular.

O auditório universal constitui-se por um conjunto de pessoas que o orador não consegue controlar as variáveis, como sexo, idade, escolaridade, entre outras características importantes. Como exemplo, o “público que assiste a um programa de televisão configura um auditório universal. São homens e mulheres de todas as classes sociais, de idades diferentes, diferentes profissões, diferentes níveis de instrução e de diferentes regiões do

controle das variáveis pelo orador. Assim, o auditório particular caracteriza-se por um conjunto de pessoas conhecidas. “Uma turma de alunas de uma escola de segundo grau configura um auditório particular. Trata-se de pessoas jovens, do sexo feminino, com o mesmo nível de escolaridade” (ABREU, 2009, p. 40).

O gênero debate regrado também tem um auditório específico e é a ele que o orador dirige a argumentação, procurando persuadi-lo no plano racional e afetivo (macroethos), conforme assegura Morais (2019). No debate regrado em sala de aula, o auditório é particular, pois se trata de alunos e alunas de uma série específica (terceira série do ensino médio), da mesma cidade, da mesma faixa etária, todos se conhecem e são conhecidos, razão por que se imprime a classificação de um auditório particular.

Defende-se que o debate regrado em sala de aula é uma ação retórica que, além de promover um diálogo simétrico, também engendra a função pedagógica da Retórica, pois evidencia o ensino e o aprendizado de técnicas argumentativas, uma vez que, em sala de aula, se estudam os argumentos e outras práticas argumentativas.

2. Gêneros orais e práticas discursivas na escola

O estudo dos gêneros surgiu na Grécia Antiga, com Platão, e concentrava-se na Literatura com os chamados gêneros lírico, épico e dramático; e com Aristóteles, na tradição retórica, em que se enfatizavam três instâncias de atuação representadas pelos gêneros: deliberativo (aconselhar ou desaconselhar); judiciário (acusar ou defender) e o epidítico (censurar ou elogiar). No entanto, já faz algum tempo que a noção de gênero ultrapassa esse domínio, uma vez que o mundo evoluiu e ninguém vive mais como nos tempos dos gregos antigos. A noção de gêneros mudou, passando a se referir, conforme Marcuschi (2008, p. 155), “a textos materializados em situações comunicativas recorrentes [...], formas textuais escritas ou orais bastante estáveis”.

Os chamados gêneros são os textos orais e escritos que apresentam uma intenção comunicativa e uma função social definidas. O debate é um gênero porque apresenta os caracteres exigidos. Ele configura-se como um importante meio de desenvolvimento da oralidade e de capacidades argumentativas. Desse modo, o debate, enquanto um gênero da oralidade e da tipologia argumentativa, é dotado de elementos de natureza retórica que engendram a função de persuadir o outro. Para tanto, é preciso que o orador acione dispositivos argumentativos que resultem na defesa ou na elaboração de um ponto de vista. Isso possibilita que os oradores (alunos) confrontem suas próprias ideias e suas opiniões de maneira coerente, aprofundando as questões discutidas (RIBEIRO, 2009).

No Brasil, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 23) atestem que “a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino, ainda é possível verificar escolas e professores que encontram dificuldade em realizar um trabalho significativo com gêneros discursivos”. Além disso, considera-se recorrente um ensino marcado pela valorização da modalidade escrita da língua, a produção oral é comumente negligenciada e, quando se torna objeto de

médio, em que as atividades visam ao ingresso na universidade, de preferência por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), procurando então atender às exigências desse certame.

Ademais, em se tratando do Livro Didático de Português (doravante LDP), algumas páginas do referido material apresentam estudos voltados à oralidade, de certo modo ainda influenciados pelos PCNs (1998), que orientam a escola a ensinar o emprego da linguagem oral no planejamento e na realização de apresentações públicas, propondo situações didáticas em que essas atividades, de fato, façam sentido. Apesar dessas orientações, o LDP ainda aborda os gêneros orais de forma muito limitada, ratificando o hiato entre essa modalidade da língua e a escrita nas instituições de ensino básico. Como bem lembram Schneuwly e Dolz (2004, p. 133), na escola, “o oral que se aprende é oral da escrita; aquele que prepara a escrita, pois permite encontrar ideias, elaborar uma primeira formulação; [...] aquele que não é senão a oralização de um escrito”.

Nesse tocante, trata-se de uma atividade oral com vistas a uma posterior produção escrita, apenas técnica, repetitiva, que não leva o aluno a pensar na função social do próprio gênero e, por extensão, na linguagem que caracteriza essa função. E, infelizmente, a oralidade é deixada de lado por ser considerada, de forma equivocada, uma dicotomia em que as ideias são desorganizadas. No caso dos gêneros, vale salientar que, em relação à missão de ensinar leitura, escrita e oralidade, a escola forçosamente sempre trabalhou com eles, pois toda forma de comunicação, igualmente aquela centrada na aprendizagem, cristaliza-se em linguagem específica, conforme explicam Schneuwly e Dolz (2004).

Provavelmente, o trabalho “forçoso” continua restringindo-se aos aspectos gramaticais e estruturais do texto, desconsiderando o enunciador, o discurso e o propósito comunicativo, o que impede um estudo significativo da língua em uso. Ao organizar um trabalho com essas formas discursivas, com especial atenção aos gêneros orais, a exemplo do debate, é necessário preparar os discentes quanto à função, às estratégias argumentativas, à linguagem, aos elementos sociais, bem como obedecer a regras preestabelecidas e, desse modo, construir conhecimento, a partir da interação face a face.

Por meio dessa interação verbal e não verbal, é possível resolver problemas de negociação e buscar soluções para um fato levantado e discutido. Assim, o gênero discursivo debate regrado fundamenta-se no confronto de opiniões, procurando, a todo o momento, mudar a opinião do outro no nível das ideias e das ações. Exige-se, durante o debate regrado, o uso das dimensões cognitivas e sociais para, dessa maneira, se aprofundar nas questões da temática discutida. O debate regrado é um gênero predominantemente argumentativo e pode contribuir com o estudo da argumentação em sala de aula (RIBEIRO, 2009).

2.1. O GÊNERO DEBATE REGRADO NA SALA DE AULA

O gênero debate regrado pertence à modalidade oral da língua e é definido como um “espaço privilegiado de construção do conhecimento e de posicionamento frente às questões que se apresentam na vida e em sociedade” (AQUINO, 2015, p. 231). Na vida, porque as pessoas se deparam com situa-

situações em que necessitam da argumentação (tribunal, assembleias, escolas, sindicatos); na sociedade, porque a própria linguagem é imersa nos valores sociais e há, em determinados momentos, a necessidade de confrontar pontos de vista ou até mesmo ideologias.

Para um trabalho com o gênero debate regrado no contexto de sala de aula, deve-se ter prudência com alguns aspectos. O primeiro diz respeito ao tema, pois precisa ser escolhida uma temática coerente, que os alunos possam dominá-la e proceder à argumentação. O segundo diz respeito ao conhecimento do funcionamento do próprio gênero debate, que apresenta as seguintes características (respeito ao turno do outro, organização da fala, sustentação do posicionamento por meio do uso de argumentos, réplica, contra-argumentação, entre outras). Ratifica-se que a refutação é a chave do debate, pois sem refutação, não há diferença, e, por conseguinte, não haverá debate (RIBEIRO, 2009).

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), o gênero debate regrado é imediatamente reconhecível por todos e tornou-se um termo representativo de modelo televisivo, cujas características extrapolam aquelas que o identificam. Assim, o debate se constrói de forma contrária a uma característica que lhe é peculiar: apresentar, respeitosamente, argumentos que devem mostrar, de forma clara e objetiva, o conhecimento que os oradores têm tanto de si quanto do auditório, bem como do tema ali tratado, e assim tentar convencer e persuadir.

A fim de esclarecer a diferença entre esses termos retóricos (convencer e persuadir), recorre-se a Abreu (2009), que explica que convencer é construir algo no “campo das ideias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize” (ABREU, 2009, p. 25). Essa dualidade também aparece no gênero debate regrado, pois os debatedores almejam fazer com que o outro aceite e, posteriormente, se comporte de acordo com o propósito desejado.

O debate regrado é formado pelos seguintes componentes: moderador, debatedores e auditório. Cada um deles marca papéis e funções distintas na construção do citado gênero oral. O moderador é o responsável por organizar e controlar a discussão, iniciar e encerrar o debate, cumprimentar o auditório e os debatedores, além de ditar as regras e expor o tema a ser debatido; os debatedores são os que se posicionam e apresentam seus argumentos a favor ou contra a temática em pauta; o auditório, por sua vez, questiona os debatedores, promovendo a ampliação do debate regrado (RIBEIRO, 2009).

Devido os gêneros orais permitirem a espontaneidade durante a exposição de argumentos, no debate ocorrem situações em que a formalidade se faz necessária e, por isso, destaca-se, nos posicionamentos, a apresentação de argumentos e contra-argumentos. Além desses mecanismos, outros, tais como as refutações e reformulações, também orientam a reflexão coletiva de problemas sociais vividos pelo auditório ou reconhecidos por ele. Ao se apropriar desse conhecimento, o aluno passa a se organizar discursivamente para expor, argumentar, contestar, sugerir e, assim, participar de práticas sociais e discursivas que exijam tais habilidades argumentativas.

Conforme Schneuwly e Dolz (2004), o trabalho em sala de aula a partir

do gênero debate promove o desenvolvimento de algumas habilidades discursivas importantes para a formação argumentativa dos alunos: a) modos de um posicionamento próprio a partir do desenvolvimento de argumentos e da modalização de enunciados; b) a possibilidade de cada um (por meio do funcionamento do debate) intervir livremente quando quiser; c) a capacidade de centralizar-se nos objetos em jogo e de engendrar novos temas que daí decorram; e d) o respeito à palavra dos outros e a integração desta ao próprio discurso.

Com efeito, levar o debate à sala de aula é ensinar ao aluno o modo de inteirar-se com precisão dos acontecimentos do mundo e dos que estão a sua volta, e, dessa maneira, construir um ponto de vista sobre o assunto em discussão, assim como refutar os argumentos do outro, de maneira respeitosa, com respaldo no conhecimento adquirido durante a efetivação do gênero destacado. De certa forma, trata-se de uma prática social e discursiva que reveste o aluno de autoridade no momento durante o qual toma a palavra, além de formá-lo para situações em que precise cobrar opiniões, defender-se ao assumir um determinado ponto de vista ante um grupo específico e/ou a sociedade mediante reflexão acerca dos problemas sociais que enfrenta.

2.2. ACERCA DAS FIGURAS RETÓRICAS

As figuras retóricas são recursos persuasivos que estão à disposição para uso de qualquer orador em momento de necessidade argumentativa. Nas palavras de Reboul (2004), há figuras que não são retóricas, pois não desempenham uma função argumentativa, mas sim funções poéticas, humorísticas ou simplesmente de ornamento das palavras. “A figura só é de retórica quando desempenha papel persuasivo” (REBOUL, 2004, p. 113). Por assim dizer, compreende-se que a figura retórica possui, em sua gênese, uma funcionalidade específica: fornecer meios para o orador tornar o discurso persuasivo. Sem essa intencionalidade, a figura ocupa um lugar apenas de estilo, de ornamentação.

Meyer (2007) defende que o objetivo do uso da figura retórica no discurso é instaurar uma identidade que salienta um traço comum para chamar a atenção sobre o tema em questão, principalmente, sensibilizar o outro para que aceite as teses que lhe são apresentadas. “A figura impõe fazendo ver. Ela torna presente o que deve aparecer como irrefutável, como resposta” (MEYER, 2007, p. 80). As figuras retóricas são, de fato, um argumento, e, embora não estejam agrupadas entre os quatro grandes grupos de argumento da Nova Retórica, elas têm o seu lugar definido, ocupando uma posição igualitária, ao serem comparadas com os outros dispositivos argumentativos provindos da retórica. Como diz Reboul (2004, p. 114), “se o argumento é o prego, a figura é o modo de pregá-lo”.

De acordo com Citelli (2002), as figuras retóricas cumprem a função de ressignificar um determinado campo de informação. Para isso, criam efeitos novos e recategorizados que sejam capazes de atrair a atenção do auditório. “São expressões figurativas que conseguem quebrar a significação própria e esperada daquele campo de palavras” (CITELLI, 2002, p. 20). Assim, tais figuras são recursos persuasivos que propiciam a aproximação entre o orador e o auditório, devido ao efeito retórico que instauram no

discurso argumentativo.

Como cenas de um filme, as figuras retóricas criam atmosferas de suspense, humor e encantamento que corroboram para o fortalecimento da ação retórica, conforme Abreu (2009) pontua. Elas são mecanismos linguísticos utilizados para tornar o discurso persuasivo. Abreu (2009) também alerta para não confundir figuras retóricas (que têm um caráter funcional) com figuras estilísticas (cujo objetivo é causar a emoção estética).

Embora haja outros agrupamentos das figuras retóricas, este trabalho segue os caminhos de Abreu (2009) pelo fato de o referido autor apresentá-las de uma forma mais didática. Segundo ele, as figuras retóricas dividem-se em quatro grupos: figuras de som, de palavra, de construção e de pensamento, conforme é possível observar no quadro a seguir:

Quadro 1 – Figuras retóricas

SOM	PALAVRA	CONSTRUÇÃO	PENSAMENTO
Paronomásia	Metonímia	Pleonasmo	Antítese
	Metáfora	Hipálage	Paradoxo
		Anáfora	Alusão
		Concatenação	
		Epístrofe	

Fonte: Adaptação de Abreu (2009).

Essas figuras, como recursos retóricos, não servem apenas para embelezar o texto ou o discurso, elas são empregadas em função de um resultado, enquadram-se estrategicamente em um pensamento, são carregadas de intencionalidade, que comanda o uso das palavras com fins persuasivos. Isso porque os discursos não são neutros, sempre partem de uma intenção e por esse caminho se constroem e se concretizam efeitos de sentido ancorados na argumentação (FERREIRA, 2015; ROCHA, 2020), cuja função é a de persuadir um auditório, seja este universal ou particular. Nesse sentido, é no jogo de ideias, de intenções que aparecem as figuras retóricas. Mesmo partindo do agrupamento feito por Abreu (2009), não se fará uma análise de todas as figuras, mas sim daquelas que apareceram de forma acentuada no fragmento do debate regrado escolhido para a análise aqui realizada.

2.3. ANÁLISE DE FIGURAS RETÓRICAS NO DEBATE REGRADO DE SALA DE

AULA

A análise aqui apresentada volta-se ao fragmento do gênero debate regrado retirado do trabalho de Soares (2017); aponta como objeto as figuras retóricas no gênero debate. O tema do debate regrado versa sobre “Os direitos dos povos indígenas no Brasil”, com as discussões gravadas em áudio, em 31/10/2014, com o tempo de duração correspondente a 23 minutos e 53 segundos. O contexto de produção do discurso se deu numa sala de

debatedores e M para o moderador. A seguir, tem-se o movimento retórico do debate regrado no contexto de sala de aula:

M: nós daremos início ao debate no 3º é... 3º é né isso? é isso 3º é... então eu acho que uma primeira questão que poderia ser... discutida é/ seria a seguinte... QUAIS direitos os povos indígenas teriam?... vocês teriam alguns direitos a levantar? Quais seriam os direitos dos povos indígenas? eles teriam direito a alguma coisa?

D1: sim os mesmos direitos

M: quais?

D1: que a gente eles têm que ter

D2: ou até mais

M: um por vez... um por vez... ((muitas sobreposições de vozes)) quem primeiro?

D3: vai ((D4))

M: você? pode falar

D4: direito às terras

M: alguém mais concorda com D4? acha que eles deveriam ter direito a terras?

D5: ((incompreensível))

M: certo... então perceberam o que ela falou ((dirigindo-se a D5))?... os índios deveriam ter um espaço específico pra conviver assim como nós deveríamos ter... vocês acham que deveria ser isso os índios com o espaço deles e nós com o nosso espaço ((fala muito rápido))

D6: seria excluir... de qualquer jeito assim... eles iam tá no mundinho deles e nós num mundo nosso eu acho...

Fonte: *corpus* de Soares (2017).

Logo de início, perfazendo a organização do gênero debate regrado, verifica-se que o moderador (M) é quem controla o turno conversacional¹. É possível identificar na fala de M o uso de perguntas retóricas nos seguintes trechos: “nós daremos início ao debate no 3º é... 3º é né isso? é isso 3º”; “QUAIS direitos os povos indígenas teriam?... vocês teriam alguns direitos a levantar? Quais seriam os direitos dos povos indígenas? eles teriam direito a alguma coisa?”. A intenção de tais questionamentos é despertar nos debatedores a argumentação em torno da temática em debate.

No primeiro caso, observa-se a repetição da expressão pronominal “isso”, a fim de recapitular uma ideia passada. No segundo caso, constata-se o uso repetitivo da expressão “direitos”. No terceiro caso, o uso do verbo indicativo “teriam”. Retoricamente, isso faz com que se enfatize a pertinência dos termos para a discussão que se inicia. Além disso, a palavra “direitos” está presente no título do debate, por isso a necessidade de destacá-la a fim de determinar o percurso do debate, ou seja, acerca dos direitos dos povos indígenas do Brasil.

1 O turno conversacional diz respeito ao momento de fala de cada interlocutor.

Portanto, a presença elementos repetidos e o uso de perguntas retóricas não é por acaso, mas com intenções persuasivas.

Em seguida, aparece uma figura retórica de construção, a epístrofe. De acordo com Abreu (2009), essa figura se caracteriza pela repetição de palavras no final de frases sucessivas. Após M apresentar a temática dos direitos dos índios brasileiros, ele faz algumas perguntas, entre elas, esta: “eles teriam direito a alguma coisa?”. Como resposta, o debatedor D1 diz: “sim os mesmos direitos”. Nota-se que D1 aproveitou a “deixa”, ou seja, a expressão “direitos” que acabara de ser enunciada por M e a repetiu no fim de seu discurso, causando, dessa maneira, um efeito persuasivo, caracterizado pelo uso da figura retórica de construção.

Ao continuar o debate regrado, M questiona quais os direitos que os índios deveriam ter. Como resposta, ouve de D1: “que a gente eles têm que ter”. Observa-se que D1 se refere aos direitos, isto é, segundo ele, os índios precisam ter os mesmos direitos que todas as pessoas têm. Ao encaixar esse discurso, observa-se que tal uso não diz respeito a uma mera comparação, mas sim a uma discrepância, ou seja, uma incompatibilidade com a realidade vivida na sociedade brasileira.

Nesse sentido, D1 imprime a figura retórica de pensamento nomeada de paradoxo. Segundo Abreu (2009), essa figura se caracteriza por ser algo contrário à opinião comum, reunindo ideias contraditórias. A contradição se dá porque os índios brasileiros, de acordo com leis constitucionais, não podem e não devem ser tratados apenas da mesma maneira que os não índios, pois foram escravizados, torturados e mortos durante o período colonial. Em compensação para tantas atrocidades cometidas, o Estado brasileiro concedeu aos indígenas alguns benefícios conquistados por meio de muitas lutas, a exemplo dos sistemas de cotas, do direito à terra, entre outras assistências provindas de leis aprovadas. Assim, D1 deixou transparecer uma ideia de que o índio não deve ter “benefícios”, mas sim ser tratado como qualquer pessoa e isso engatilhou um sentido contrário à opinião comum da sociedade.

Após D1 afirmar que os índios devem ter os mesmos direitos que as outras pessoas não indígenas, D2 interrompe a fala de D1 e afirma: “ou até mais”, novamente se referindo aos direitos. Como houve uma sobreposição de vozes, M recorre a elementos de repetição para controlar o debate: “um por vez... um por vez... ((muitas sobreposições de vozes)) quem primeiro?”. Como é comum no espaço de sala de aula, observa-se que D3 não fala, mas “força” D4 a participar do debate. Em seguida, M nota a situação e convida D4 para falar: “você? pode falar”, e D4 enuncia: “direito às terras”.

Percebe-se, na fala de D4, que ele tem certo conhecimento de mundo, pois evoca diretamente uma das principais lutas indígenas no Brasil: a luta pelo direito à terra. Ao dizer que o índio brasileiro deve ter o direito sobre a terra, D4 contraria o discurso de D1 e faz uso da figura retórica de pensamento, a alusão. De acordo com Abreu (2009), a citada figura se caracteriza por fazer referência a um fato real ou fictício conhecido do auditório. Na fala de D4, é possível vislumbrar uma alusão às lutas e aos conflitos indígenas pelo direito às terras. Sem dúvida, atualmente, essa é a principal luta indígena no contexto brasileiro, e os adversários são os grandes latifundiários.

Ao prosseguir o debate, M questiona se alguém mais concorda com a

opinião do aluno D4. Depois, verifica-se que D5 se manifesta, mas o áudio não consegue captar o entendimento da fala. Então, M ressalta o que possivelmente D5 tenha dito: “certo... então perceberam o que ela falou ((dirigindo-se a D5))?... os índios deveriam ter um espaço específico pra conviver assim como nós deveríamos ter... vocês acham que deveria ser isso os índios com o espaço deles e nós com o nosso espaço ((fala muito rápido))”.

Algumas figuras retóricas foram utilizadas por M. A primeira que se apresenta é a figura de construção anáfora. Para Abreu (2009), essa figura indica a repetição da mesma palavra de modo sucessivo. Quando se afirma: “os índios deveriam ter um espaço específico pra conviver assim como nós deveríamos ter... vocês acham que deveria ser isso”. Assim, a repetição entre “deveriam, deveríamos e deveria” indica sentidos iguais quanto ao uso do verbo, embora o contexto mostre que se trata dos índios e dos não índios.

A segunda figura retórica que aparece na fala de M é a de pensamento, nomeada de antítese. Nas palavras de Abreu (2009), a referida figura consiste em contrapor uma palavra ou uma frase a outra, de significação oposta. Isso pode ser percebido no seguinte trecho: “vocês acham que deveria ser isso os índios com o espaço deles e nós com o nosso espaço”. Nota-se a oposição entre os índios e os não índios, ocupando espaços sociais diferentes e de conflito, oposição, pois os índios, muitas vezes, são vistos como “preguiçosos” e agraciados de forma exagerada pelo Estado. A figura retórica antítese, na fala de M, engatilha a tentativa de provocação por parte do debatedor para que os alunos argumentem acerca dessa oposição de lugares sociais.

Como resposta da provocação de M, D6 diz: “seria excluir... de qualquer jeito assim... eles iam tá no mundinho deles e nós num mundo nosso eu acho...”. Nesse momento de fala, visualiza-se, novamente, o recurso da figura retórica de pensamento, a alusão. Isso se dá porque a argumentação de D6 faz referência a uma sociedade ou a um ambiente restrito, no quais participa um grupo de indivíduos que, de certa forma, mantêm-se afastados dos demais meios sociais, mediante a palavra “mundinho”. Essa expressão também pode aludir a uma vida insignificante, quando comparada ao vocábulo “mundo”. Assim, presume-se uma tentativa de persuadir o auditório a concordar com a ideia de exclusão social dos índios, ratificando, implicitamente, um discurso autoritário e que manifesta uma relação de poder.

Diante da análise, percebeu-se que algumas figuras retóricas catalogadas por Abreu (2009) estão presentes no fragmento analisado do gênero debate regrado na sala de aula. Mesmo que os oradores não saibam disso, eles utilizaram as figuras retóricas para tentar convencer e persuadir o auditório, neste caso, os colegas de sala que compunham o público-alvo, caracterizando um auditório particular, conhecido por todos que estavam presentes no momento da enunciação. Portanto, as figuras encontradas no fragmento não atuam como um simples ornamento, mas sim como mecanismos persuasivos.

3. Considerações finais

A análise aqui apresentada volta-se ao fragmento do gênero debate regrado no contexto de sala de aula. A partir da análise empreendida, percebeu-se que os oradores recorreram às figuras retóricas para tentar persuadir o auditório particular. Quanto à tipologia das figuras, verificou-se que apareceram as seguintes: antítese, paradoxo e alusão (figuras de pensamento); anáfora e epístrofe (figuras de construção). No tocante às figuras de som e de palavras, nenhuma delas foi contemplada no fragmento aqui analisado.

Retomando aos questionamentos iniciais: De que maneira acontecem as tentativas de persuadir no gênero debate regrado? Como os oradores utilizam as figuras retóricas no gênero debate regrado? Com relação às perguntas, observou-se que os oradores utilizaram figuras retóricas para tentar persuadir o auditório particular. Assim, verificou-se que as figuras de pensamento foram as que mais recorreram no debate regrado em tela. Provavelmente, isso se deu pelo fato de o referido gênero pertencer à linha argumentativa e se caracterizar pelo confronto de ideias, a exemplo da contra-argumentação, a fim de mostrar as contradições do discurso do outro. Para isso, figuras como antítese e paradoxo estão a serviço do orador para uso argumentativo.

A análise realizada neste trabalho desperta possibilidades para se trabalhar figuras retóricas no contexto de sala de aula. Além do seu valor literário, as figuras são um recurso persuasivo da linguagem. Assim é que se chega à constatação da eficácia do trabalho com o gênero debate regrado, quando se pensa em levar os discentes aos caminhos para se obter à persuasão e, antes de tudo, aos meios para se chegar a isso.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suarez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13. ed. Cotia: Ateliê Editorial; 2009.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução Angela M. S. Corrêa et. al. São Paulo: Contexto, 2020.

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Gêneros orais, argumentação e ensino de língua portuguesa. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 227-248, jan./jun. 2015.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF; 1998.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. Ática: São Paulo, 2002.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto: 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Art-

med; Bookman, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEYER, Michel. **A retórica**. Trad. Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MORAIS, Eduardo Pantaleão de. **O macroethos racional e o afetivo na argumentação do julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff**. Campinas/SP: Pontes, 2019.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, Roziane Marinho. **A construção da argumentação oral no contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Max Silva da. **As práticas argumentativas de oradores religiosos cristãos do agreste alagoano**. 2020. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SOARES, Luciano Bertulino. **Uma abordagem retórica do gênero debate em sala de aula**. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.